

ANTONIO VIEIRA E MANOEL DE BARROS: A COMUNHÃO ENTRE OS SERES E A PALAVRA

Antonio Vieira and Manoel de Barros: communion between things and words

Paulo Benites

paulo.moraes@unir.br

<https://orcid.org/0000-0002-5809-0956>

Resumo: O presente trabalho parte de dois pressupostos para ler a obra de Manoel de Barros. O primeiro diz respeito a sua incontestável relação com a tradição literária, bem como a resignificação de formas e temas que o poeta promove em seu diálogo com a tradição. O segundo diz respeito ao projeto estético já consolidado de Manoel de Barros, o qual se forma pela organizada combinação e repetição de temas e procedimentos linguístico-poéticos. Dados os pressupostos, o objetivo deste ensaio é compreender como se forma a *ars poetica* de Barros a partir de sua relação com a obra de Pe. Antonio Vieira. Nota-se, nas aproximações possíveis entre as duas poéticas, a presença de três elementos fundamentais para o projeto poético de Barros: a racionalidade, a retórica e a política. Para tanto, a pesquisa propõe dois eixos: o primeiro segue o conteúdo poético e a visão de homem construída na poética de Manoel de Barros em contraste com as criaturas pensadas por Vieira em sua teologia; o segundo discute a construção da poesia a partir de um expediente estilístico e retórico.

Palavras-chave: *Ars poetica*. Comunhão. Retórica. Racionalidade. Poesia.

Abstract: This work considers two assumptions to read the work of Manoel de Barros. First, this research relates to your unique relationship with literary tradition, as well as the resignification of shapes and themes that the poet promotes in your dialogue with the tradition. The second assumption concerns the aesthetic project consolidated and singular of Manoel de Barros, which is formed by the organized combination and repetition of themes and poetic-linguistic procedures. Given the assumptions, the objective of this research is to understand the *ars poetica* of Barros in relation with Antonio Vieira. In this relation there are three key elements to the *ars poetica* of Barros: rationality, rhetoric and politics. For that this work built two ways: first studies the poetics contents and the human vision in Manoel de Barros' poetry against to Antonio Vieira's theology; second studies the poetry and its rhetoric implications.

Keywords: *Ars poetica*. Communion. Rhetoric. Rationality. Poetry.

A questão central que este ensaio pretende discutir trata do relacionamento literário entre Manoel de Barros e Padre Antonio Vieira. Verifica-se, neste trabalho, que tal relação fortalece a presença de três elementos fundamentais para a *ars poetica* de Barros: a racionalidade, a retórica e a política. Para tanto, a partir do ponto de vista comparatista, discute-se a relação de proximidade e distanciamento entre Barros e Vieira a fim de vislumbrar como

se dá tal relação, para, na sequência, a partir do cotejo entre os dois autores, ampliar a discussão no sentido de observar como os três elementos em destaque são operacionalizados na poesia de Barros. O caminho aqui proposto organiza-se em dois eixos: **1)** o primeiro segue o conteúdo poético e a visão de homem construída na poética de Manoel de Barros em contraste com as criaturas pensadas por Vieira em sua teologia; **2)** o segundo discute a construção da poesia a partir de um expediente estilístico e retórico.

1) Para pensarmos o primeiro eixo do trabalho é preciso retornar à vasta fortuna crítica em torno da obra do Padre Jesuíta. O ponto mais pertinente aos desdobramentos desta pesquisa diz respeito à visão de homem que se constrói em Vieira. Para um percurso que norteie as discussões pode-se perguntar: como se dá, afinal, a construção da imagem do homem em Vieira?

Vieira constrói tal imagem no interior de seu empenho retórico e no seu pensamento, cujo efeito de sentido acompanha de perto a noção de *união* como um *topos* importante em sua argumentação. O efeito de *união*, aqui mencionado, diz respeito àquele já amplamente discutido da “união mística” cujo objetivo maior é a união do humano ao divino. A noção de homem parece emergir desta relação no momento em que Vieira concentra sua disposição sacramental na Eucaristia a fim de construir a mediação entre o Ser Primeiro e o Ser Segundo. Essa é uma visão de causalidade já pressuposta no pensamento de Antonio Vieira e diz respeito ao fato de que Deus, Causa Primeira, é a única Coisa de onde surge o humano – Causa Segunda – estabelecendo uma “relação entre Criador e Criatura” (HANSEN, 2008).

Há que se referenciar o fato de que, para Vieira, a união entre o humano e o divino não se dá fora do modo sacramental. Todo seu empenho recobre a ideia segundo a qual o homem – e os seres todos, por extensão – é fruto inequívoco da vontade divina. Essa é uma visão que denota uma *escolha*. Na série dos seis sermões do “Mandato” Vieira proferiu essa ideia bastante difundida em sua obra: “a união entre o Padre e o Filho funda-se na geração eterna antecedente a todo ato de vontade” (VIEIRA, 2014, p. 565). O tema do amor é o que percorre toda a série dos sermões do “Mandato”, para tanto, Vieira parte do Evangelho de S. João: “Antes da festa da Páscoa, Jesus soube que chegara sua hora para sair deste mundo para o Pai e, tendo amado os seus neste mundo, amou-os até o fim” (BÍBLIA, 2017, p. 382). O amor pregado por Vieira nos sermões do “Mandato” leva em conta como foco o próprio sacramento, isto é, como sinal daquilo que deveria ser o objeto de maior amor pelos homens, maior, inclusive, do que o próprio ato da Encarnação: “O que todos encarecem no dia da Encarnação é humilhar-se Deus a se fazer homem, mas é certo que este ato não foi de humildade; o lavar Cristo os pés dos homens, sim, é a maior humildade de todas” (VIEIRA, 2014, p. 348).

Antonio Vieira e Manoel de Barros: a comunhão entre os seres e a palavra

Toda a argumentação de Vieira encaminha-se por mostrar que no ato em si da humildade divina se dá a humanidade particular, no seio do Sacramento; o amor, portanto, encarna universalmente em cada um dos homens. Por meio do Sacramento, Deus e o homem unem-se de forma íntima e recíproca como uma só identidade. Logo, a ideia de *escolha* divina revela que a união do homem a Cristo é expressamente obra da vontade divina. Toda essa união mística que se dá em Vieira é enlaçada pela noção de “comunhão”. A ideia de “comunhão”, em Vieira, tem como objetivo descobrir o ser comum entre os homens, e o ser comum não pode existir fora da relação com Deus:

[...] vê-se, por aí, o quanto essa teologia é visceralmente política – os termos todos da *unio mystica*, através do modo sacramental, alcançam agora uma projeção inteiramente adequado ao corpo coletivo, o qual, ao reunir as vontades individuais em uma vontade pública única, realiza o “corpo místico” por excelência (PÉCORA, 2008, p. 187 aspas e grifos no original).

Na variação repetitiva do mesmo, os preceitos teológicos e políticos da obra de Vieira determinam os modos como o jesuíta pensa seu tempo histórico e define, por exemplo, “história”, “linguagem”, “homem”, “ação”, “profecia”, “sentido” etc., nas circunstâncias do tempo da sua ação. Os modos de conferir significação e sentido operam com categorias teológico-políticas, como se viu. Deve-se levar em conta que Vieira pensa, antes de tudo, a eficácia prática da obra nas questões do seu tempo segundo o preceito de que a obra é uma intervenção interessada nas principais questões políticas, econômicas e religiosas de então. Para o Padre Antonio Vieira “é essencial a concórdia e a amizade das ordens do corpo místico do Estado cristão, e de seus membros entre si, principalmente porque, como se tem visto todo tempo, ele propõe o mistério como adequado aos fins da política desse Estado” (PÉCORA, 2008, p. 183).

Dentro desse contexto, o próprio Vieira passa a discutir a noção de comunhão:

Quem come o meu corpo e bebe meu sangue – diz Cristo – está em mim e eu estou nele. – Se perguntarmos aos intérpretes o entendimento destas palavras, todos respondem que significam uma união real e verdadeira, com que por meio da Comunhão ficamos unidos a Cristo. Isto dizem os expositores e os teólogos comumente, mas eu, com licença sua, tenho pra mim que neste mistério não há uma só união, senão duas e essas mui diferentes: uma união com que Cristo nos quis unir consigo, e outra união com que nos quis unir conosco. O efeito da primeira união é estarmos unidos com Cristo; o efeito da segunda é estarmos unidos entre nós (VIEIRA, 2014, p.157)

Não se trata aqui de distinguir com clareza a participação do divino no humano, isto é, a manifestação do primeiro no segundo, mas sim de conceber o divino como uma mediação

capaz de superar as diferenças individuais entre os homens. Para Alcir Pécora, “isso quer dizer que a *comunhão*, através do Sacramento, ensejaria não apenas um contato individual entre a alma única de cada homem e Deus”, mas, ao contrário, “um estreitamento das relações da coletividade de homens à medida da aproximação divina” (PÉCORA, 2008, p. 184-185 grifo no original). Em Vieira, por meio de uma análise etimológica do termo *comunhão*, tem-se uma definição mais clara da proposta:

[...] que quer dizer *comunhão*? O nome *comunhão*, *Communio*, não é inventado por homens, senão imposto por Deus, e tirado das Escrituras sagradas em muitos lugares do Testamento novo. E que quer dizer *Communio*? Quer dizer: *communis unio*: união comum. Assim explicam sua etimologia todos os Intérpretes. De maneira, que dando Cristo nome à *comunhão*, não lhe pôs o nome da união particular que temos com ele, senão da união comum que causa entre nós. A união que cada um de nós tem com Cristo no Sacramento, é união particular; a união que mediante Cristo temos todos entre nós, é união comum; e esta união comum, como efeito principal, e ultimamente pretendido por Cristo, é a que dá o ser e o nome à *comunhão*: *communio*, *communis unio* (VIEIRA, 2014, p. 157 grifos no original).

A *comunhão* em Vieira, portanto, alcança sua plenitude no momento mesmo do contato individual com a divindade. Trata-se, sobretudo, de um posicionamento teológico-político engendrado, uma vez mais, pela retórica. O modelo sacramental, ao enlevar o estado eucarístico da ação dos homens, dita as regras pelas quais Vieira fundamenta seu posicionamento a fim de argumentar em favor da união entre homem e o Divino. Nesse percurso, a *comunhão* atua como uma espécie de “corpo místico” cujo objetivo maior é estabelecer o nexos de uma identidade humana “supra-individual”, isto é, “um corpo natural, racional, coletivo e político” (PÉCORA, 2008, p. 185), a fim de mostrar que tal identidade só se consuma depois que o humano toma consciência de seu corpo natural, racional, coletivo e político. A argumentação de Padre Antonio Vieira, portanto, organiza-se de modo sistemático a fim de deixar nítido que o modelo sacramental não atinge a sua eficácia apenas a partir das relações individualizadas entre o homem e o divino, mas antes, dá-se pelo estabelecimento da união entre os homens, o que significa que a única via para a concretização real da identidade entre as criaturas é mediada pela *comunhão* com Deus, compreendido a partir do modelo sacramental.

A mediação entre o humano e o divino, pensada através do teatro sacramental vieiriano, tem como decorrência essencial a identificação entre os homens (em um plano ao mesmo tempo prático, moral e metafísico) de sua humanidade comum, e o reconhecimento de sua associação hierárquico-institucional como desdobramento natural da razão e da vontade comum (PÉCORA, 2008, p. 188).

Antonio Vieira e Manoel de Barros: a comunhão entre os seres e a palavra

Como expõe Alcir Pécora em sua leitura de Vieira, a comunhão denota a congregação de três elementos na identificação entre os homens: o prático, o moral e o metafísico. São três planos unidos no pensamento vieiriano articulados a fim de pensar a constituição do homem em sua plenitude. Vale ainda mencionar que, para Antonio Vieira, a “união dos homens” não se dá apenas nos planos teológico e moral, ambos estão vinculados aos termos históricos.

Para Vieira, o sentido da história e a prática política constituem-se em dimensões essenciais da identidade humana. O relacionamento íntimo entre a história e o homem proporciona o reconhecimento de uma identificação do destino histórico pessoal e o da humanidade, de modo que cada um reconhece sua própria existência individual como parte da história da humanidade. Com efeito, conforme assinala Pécora (2008), na perspectiva de Vieira a presença divina se inscreve, dirigida aos homens, dentro dos próprios fatos históricos, sendo esses concebidos como lugares da manifestação de Deus:

[...] em nenhum momento Deus se mostraria mais estranhamente envolvido na vida do homem do que quando este, congregado coletivamente em torno de uma vontade superior, se direciona para a conquista e o estabelecimento de um reino perfeitamente cristão sobre os movimentos aparentes e reais, nem sempre razoáveis, da história humana (PÉCORA, 2008, p. 193).

Para o Padre Antonio Vieira, a relação entre o humano e o divino dá-se por meio da imbricação do homem em seu tempo e sua história. Assim, ele inventa o discurso pressupondo que a mente, os conceitos, os signos e as coisas se correspondem por meio da participação ou analogia em Deus. O sacramento torna-se, assim, a modalidade mais adequada ao relacionamento do homem com a realidade. O acesso à realidade por meio do sacramento fora exposto, guardadas as devidas ressalvas, por E. Auerbach, em *Mímesis*. No ensaio “A cicatriz de Ulisses”, ao discutir a pretensão exegética à autoridade absoluta, mostra que a “interpretação num sentido determinado torna-se um método geral de apreensão da realidade” (AUERBACH, 2011, p. 13). Auerbach mostra que essa discussão ultrapassou os limites do plano teológico e atingiu, por exemplo, os poemas Homéricos. Em Vieira, por sua vez, o que é da ordem do transcendente e do indeterminável necessita, também, da revelação a fim de se enxergar a sua substância própria. Define-se assim o caráter de apreensão da realidade. A união do homem com o divino dá-se pela experiência do santíssimo sacramento de modo que a identidade pessoal do homem revela-se verdadeiramente na associação entre os homens no corpo místico da Igreja que legitima a criação do Estado cristão.

Ao se levar em conta que na obra e no pensamento de Padre Antonio Vieira o homem é visto como um ser cuja completude se dá na comunhão, comunhão com o divino e comunhão com os outros, tem-se a ideia segundo a qual a humanidade é vista na sua integralidade. Existe,

para Vieira, um equilíbrio entre a humanidade em sua totalidade e a individualização de cada sujeito, pois cada ato individual é uma parte do todo. Com esta tentativa de resposta sobre a construção da imagem do homem no pensamento vieiriano, passa-se a pensar a configuração da noção de homem em Manoel de Barros, momento no qual se pode notar as proximidades e distanciamentos entre os dois autores.

Em Barros a noção de comunhão também é muito presente e contribui para se pensar a imagem do homem. Em um poema do livro *Ensaios Fotográficos* a ideia da comunhão se prostra de maneira central:

NINGUÉM

Falar a partir de ninguém faz comunhão com as árvores
Faz comunhão com as aves
Faz comunhão com as chuvas
Falar a partir de ninguém faz comunhão com os rios,
com os ventos, com o sol, com os sapos.
Falar a partir de ninguém
Faz comunhão com a borra
Faz comunhão com os seres que incidem por andrajos.
Falar a partir de ninguém
Ensina a ver o sexo das nuvens
E ensina o sentido sonoro das palavras.
Falar a partir de ninguém
Faz comunhão com o começo do verbo.

(BARROS, 2003, p. 25)

No poema tem-se a relação entre “fala” e “comunhão”. A “fala” é pressuposta a partir do sujeito lírico do poema: “ninguém”. “Falar a partir de ninguém” promove a comunhão. O ninguém é construído pela negação do “ser”, é o “não-ser”. Enquanto em Vieira a comunhão é a “união mística” do humano com o divino, sempre pressuposto pelo modelo sacramental de modo que o homem deve sempre buscar a Deus, em Barros há uma reversão no modo de se conceber a relação da *communio*. A comunhão em Barros remete para a interposição dos seres, invertendo a eucaristia. Se em Vieira o teatro sacramental é o agente que estabelece a união entre homem e divino, não se pode esquecer que é da ordem do divino a instauração desta união, bem como a instauração da união entre os homens “através da disposição voluntária do homem” (PÉCORA, 2008, p. 192); em Barros o agente que opera a comunhão entre os seres é a “fala”, a palavra, a poesia.

O homem, em Vieira, no exercício mesmo de sua liberdade de escolha voluntária, por meio da eucaristia, busca o reconhecimento de si para ligar-se a Deus. Visivelmente é a racionalidade do ser que lhe garante a capacidade de escolha: “[...] porque neste mundo racional do homem, o primeiro móbil de todas as nossas ações é o conhecimento de nós mesmos”

Antonio Vieira e Manoel de Barros: a comunhão entre os seres e a palavra

(VIEIRA, 2014, p. 529). Assim, em Vieira, pode-se dizer que o princípio de individualização da pessoa, de autoconhecimento, é um espelhamento para reconhecer-se comum ao humano e concorrer para a visão análoga à Pessoa Divina. Desse modo, reconhecer o comum ao humano não é, dessa perspectiva, recusar o irredutível da pessoa, mas, por assim dizer, “dar-lhe a medida de sua universalidade na participação criada em Deus” (PÉCORA, 2008, p. 188).

Já em Manoel de Barros, o que concorre para enformar a individualização do ser para que este se reconheça em sua humanidade, e, por conseguinte, para que possa estabelecer a comunhão com o divino, é a palavra poética. É no seio do poético que Barros promove sua eucaristia, de modo a fazer a comunhão dos seres. Em entrevista o poeta revela: “Entre o poeta e a natureza ocorre uma eucaristia. Uma transubstanciação. [...] Por daí que se pode dizer que as palavras de um poeta vêm adoecidas dele, de suas raízes, de suas tripas, de seus desejos. Ao leitor não resta que se incorporar” (BARROS, 1990b, p. 320). Barros aproxima-se de Vieira ao construir, em sua poética, um pensamento eucarístico/sacramental a fim de promover a comunhão entre os seres. Tanto Vieira quanto Manoel de Barros apresentam uma visão humanística do mundo.

Padre Antonio Vieira concorre de modo a, em seu modelo sacramental, argumentar em favor de um pensamento teológico-político no qual a ação do Divino fornece a Graça e permite ao homem, subordinado ao seu Estado nacional, reconhecer-se e ligar-se a Deus. Manoel de Barros, por sua vez, vai argumentar em favor da comunhão do homem aos seres, às águas, às aves, ao traste, etc. Barros se distancia de Vieira ao pensar o homem na sua incompletude, na sua falta e na necessidade de comungar com os outros seres a fim de constituir sua humanidade: “A gente é rascunho. Falta acabar. Eu sei. O que enriquece o artista é a sua incompletude. Poesia, qualquer arte, é um esforço do artista para chegar perto do divino” (BARROS, 2010a, p. 164).

Na aproximação de Barros a Vieira é visível uma atitude de união entre palavra, pensamento e *práxis*. O encadeamento das razões, em Vieira, mostra que ele é *vontade* obediente às destinações pragmáticas da Companhia no teatro universal; é *teólogo*, ocupando-se da inteligência analógica que, por meio da *eruditio* e *divinatio* humanistas, se presta a iluminar pela Graça; é *político* por meio da ação e intervenção em assuntos do corpo político do Estado Português com vistas à Restauração do Bem Comum; é *pregador*, agudeza e perspicácia dialética movidas pelo empenho retórico, o “discurso engenhoso”.

Em Manoel de Barros destaca-se a formação de um pensamento que valoriza o caráter associativo entre *palavra e retórica*. Poeticamente, isso se constrói por meio de versos e frases que carregam a perspicácia e a versatilidade do engenho agudo da iluminação poética: a

razão/racionalidade, trabalho laboral com a palavra, a busca pelo equilíbrio sonoro das frases; a *política*, no sentido das escolhas sistemáticas das figuras que o poeta representa e pela escolha do lugar que lhes faz ocupar. Percebe-se que tanto em Vieira quanto em Barros há um princípio de “união” na construção de suas obras. Ainda seguindo as imagens poéticas do poema “Ninguém”, de *Ensaaios Fotográficos*, o elemento retórico de Barros dá-se no momento mesmo da presença da “fala”, a partir de ninguém. Se não há a mediação da “fala”, da palavra, não se alcança a comunhão entre os seres. O exercício poético, a revelação poética – para recuperar O. Paz – dá-se por meio da palavra de um ser que se transubstancia em outros.

Em Vieira tem-se o autoconhecimento, em Barros a transubstanciação do ser. Optar por “ninguém” denuncia o procedimento racional da poesia de Barros, pois é no modo do “não-ser” que se atinge o reino da comunhão. O homem deixa de ser o “escolhido”, como em Vieira, e passa ao grau de “sapo”, como se nota no verso quinto. Manoel de Barros eleva o traste ao grau do divino para que, na revelação poética, possa haver a comunhão dos seres. Isso já fora alcançado em *Retrato do artista quando coisa*, obra de 1998. A obra em questão é, por si só, uma comunhão com outros. Em entrevista o poeta revela a obra ainda em preparação:

Estou remetendo ainda este mês à Record meu novo livro de poemas e que tem o título definitivo de *Retrato do artista quando coisa* (uma alusão visível ao *Portrait of the Artist as young man*, do Joyce). Só não serei jovem nos poemas – serei Coisa (BARROS, 2010, p. 158 grifos no original).

Na entrevista, Manoel de Barros já indica ao leitor a relação com o outro: a obra de James Joyce. Além disso, o livro abre-se com uma epígrafe de Fernando Pessoa: “Não ser é outro ser”, indicando a relação de ser “eu” e “outro” ao mesmo tempo, e já no primeiro poema:

Retrato do artista quando coisa: borboletas
Já trocam as árvores por mim.
Insetos me desempenham.
Já posso amar as moscas mais do que a mim mesmo.
[...]

(BARROS, 2003, p. 11)

No início do poema é possível ver o alcance da comunhão entre os seres. O artista transubstancia-se em coisa, em árvore, em inseto. A ideia divina de Vieira – e das Escrituras, por extensão – é, também ela, transubstanciada no verso “Já posso amar as moscas mais do que a mim mesmo”. Ora, se em Vieira o homem se completa conhecendo-se a si próprio, assim se dá na Bíblia também: “amarás o próximo como a ti mesmo” (BÍBLIA, 2017, p. 132); em Barros, o sujeito em comunhão com outros seres conhece mais as moscas do que a si próprio. Uma reelaboração do princípio sacramental judaico-cristão em favor do poético, o que pode ser

reforçado pelo último verso do poema “Ninguém”: “Faz comunhão com o começo do verbo”. Em outro poema, do *Livro das ignoranças*, constam os seguintes versos:

VII

No descomeço era o verbo
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá
onde a criança diz: eu escuto a cor dos
passarinhos.
A criança não sabe que o verbo escutar não
funciona para cor, mas para som.
Então se a criança muda a função de um
verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é voz de poeta, que é a voz
de fazer nascimentos –
O verbo tem que pegar delírio.

(BARROS, 1993, p. 17).

O poema número “VII”, da primeira parte do *Livro das Ignoranças* – “Uma didática da invenção” – pode ser visto, num primeiro momento, como o aprofundamento da comunhão com o verbo do poema “Ninguém”. A comunhão do “não-ser”, como se viu, com o verbo, imerge o poeta no reino das palavras: “Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despalavra” (BARROS, 2003, p. 23). O universo adâmico em que Barros está inserido é mencionado a partir da gênese da linguagem, por meio de uma referência ao mito religioso da criação do mundo.

A partir do mito de origem é perceptível o valor supremo da Palavra. Sobretudo, o sujeito lírico faz lembrar das expressões registradas no livro bíblico de João 1: 1, que mostra: “No começo era o Verbo”. Consequentemente, Cassirer (1972, p. 64-65) observa que, muito antes da era cristã, Deus empregou a Palavra como forma de expressão e como instrumento de criação. Ou seja, em Barros, o mito da origem se depara com a posição suprema da Palavra que se converte em metáfora, porque o “verbo”, em sentido poético, pode ser lido como metáfora da linguagem.

A alegoria da voz lírica da criança é o elemento mesmo que carrega a metáfora pelo processo do delírio. A figurativização da criança é vista por Chavalier e Gheerbrant (1995, p. 302) como um “estado edênico”, símbolo de inocência, anterior ao pecado. Nesse sentido, a palavra fonte, ou Fontana, inaugura um estado poético ao longo de toda a escritura de Manoel de Barros. Como afirmara a estudiosa Kelcilene Grácia-Rodrigues: “[...] o acesso ao mundo poético só é possível quando o poeta transfigura a realidade objetiva. [...] De forma metafórica, a invenção pode ser a descoberta de funções inusitadas (GRÁCIA-RODRIGUES, 2006, p. 160-

161). Tal transfiguração da realidade, na poética de Manoel de Barros, realiza-se por meio da inovação vocabular, pelos usos subversivos da língua nos âmbitos sintáticos e semânticos. São as marcas escriturais que determinam a caracterização de uma poética. Escrever apresenta-se como uma situação extrema que supõe uma reviravolta radical. Trata-se de resgatar o lado escritural da poesia, no sentido de que a escritura pressupõe a relação que o escritor mantém com a sociedade, como afirmara Perrone-Moisés, a escritura é o espaço privilegiado para esta relação, “de onde sua obra sai e para a qual se destina” (1993, p.35).

No caso de Manoel de Barros, a relação com a sociedade, como afirmara a Kelcilene Grácia-Rodrigues, dá-se pela metáfora: “a metáfora institui um corte no mundo real e, ao mesmo tempo, indica o desejo de revolucionar a sociedade” (2006, p. 270). Logo, a visão de homem que se constrói na poética de Manoel de Barros é permeada de imagens pelas quais se instaura uma ruptura com modos de representação que ensejam uma verdade absoluta.

Se em Padre Antonio Vieira tem-se a preocupação de representar os valores canônicos que circulavam à época, por meio de uma sistematização do real promovida pelo pensamento político-teológico, em Manoel de Barros há uma expansão do real e do que se busca representar por meio da palavra. Há, em Barros, uma ruptura com essa noção de representação no sentido de haver valores absolutos a serem trabalhados. No tempo histórico de Vieira, sobretudo por meio de seu apelo teológico e político, os sermões deveriam servir para a instrução do povo; no tempo histórico de Manoel de Barros, sobretudo por se tratar do fazer poético e não da parenética, a poesia não tem o objetivo de instruir a sociedade. Ao contrário, a poesia não tem razões ou parâmetros definidos para o que se deseja representar, busca-se explorar o mundo de acordo com o olhar sensível de cada poeta.

Desse modo, Manoel de Barros opta por elevar o traste para construir os sentidos mais agudos e líricos de sua poética, sem deixar de se preocupar, contudo, com o social. A poesia de Manoel de Barros traduz um tempo no qual não se tem uma única verdade a ser dita, trata-se de um tempo de escassez permanente dos valores e o trabalho do poeta é construir imagens que possam revelar a complexidade das relações entre o humano e o mundo.

O índio, o bugre, vê o desimportante primeiro (até porque ele não sabe o que é importante). Vê o miúdo primeiro, vê o ínfimo primeiro. Não tem como noção grandezas. Aliás, a sua inocência vem de não ter noção. Bugre não sabe a floresta; ela sabe a folha. Enxerga o movimento das formigas e tem devaneios. Uma formiga puxou um pouco do rio para ela e tomou banho em cima... Ele sorri (BARROS, 2010, p. 24).

O olhar para o ínfimo, em Manoel de Barros, é herança de um tempo que se busca, de um recomeço necessário à comunhão dos seres. A elevação dos seres “desimportantes” é um

movimento que indica as marcas dos “sinais fracos” que a poesia deixa de herança. É um olhar que traduz o pensamento e ser político intrínsecos à poética de Manoel de Barros.

Para ampliar a discussão em torno do modo como Manoel de Barros constrói sua visão do homem em comunhão com os outros seres, tem-se como ponto de reflexão um dos sermões mais conhecidos de Vieira, o *Sermão da Sexagésima*. “Este sermão pregou o autor no ano de 1655 vindo da Missão do Maranhão, onde achou as dificuldades que nele se apontam: as quais vencidas, com novas ordens Reais voltou logo para a mesma Missão” (PÉCORRA, 2014, p. 29).

O Sermão em questão coloca em destaque o próprio ato do discursar. Isto seja, o orador se atém na própria composição do sermão e passa a examinar três elementos, os “três concursos” (VIEIRA, 2014, p. 33) essenciais para a apreensão da palavra divina. Ao longo do Sermão são apresentados cada um dos três elementos, “Graça, pregador e ouvinte”, e passam, cada um deles, por um exame. O objetivo do pregador é apontar qual dos três não tem a eficácia necessária na reforma dos cristãos.

Partindo da parábola do semeador, retirado do Evangelho de Lucas: “Saiu o semeador a semear a sua semente [...] A semente é a palavra de Deus” (Bíblia, 2017, p. 252-253), o Sermão faz a analogia do Semeador bíblico com o Pregador.

Vieira, ao arquitetar retoricamente esta analogia, vai aos poucos evidenciando o trabalho do semeador/Pregador. Citando ainda a Parábola ele retoma a seguinte passagem:

E enquanto ele semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho, foi pisada e os pássaros do céu comeram-na. Outra caiu sobre a rocha e, depois de ter germinado, secou por falta de umidade. Outra caiu no meio dos espinhos, e os espinhos, crescendo com ela, sufocaram-na. Um outra caiu em boa terra e, uma vez nascida, deu fruto centuplicado (BÍBLIA, 2017, p. 252).

A partir da citação da Parábola nota-se a argumentação de Vieira:

Ora vede como todas as criaturas do mundo se armaram contra esta sementeira. Todas as criaturas quantas há no mundo se reduzem a quatro gêneros: criaturas racionais, como os homens; criaturas sensitivas, como os animais; criaturas vegetativas, como as plantas; criaturas insensíveis, como as pedras; e não há mais (VIEIRA, 2014, p. 30).

Neste ponto percebe-se uma primeira visão de homem, qual seja, as criaturas racionais. Um pouco adiante, ainda na costura da visão das criaturas que habitam este mundo e estão passíveis de frutificar a semente de divina, Vieira cita o Evangelho de Marcos (16:15) “E disse-lhes: ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”. Após, menciona as criaturas degeneradas:

Como assim Senhor? Os animais não são criaturas? As árvores não são criaturas? As pedras não são criaturas? Pois hão os Apóstolos de pregar às pedras? Hão de pregar aos troncos? Hão de pregar aos animais? Sim: diz S. Gregório, depois de Santo Agostinho. Porque como os Apóstolos iam pregar a todas as nações do mundo, muitas delas bárbaras e incultas, haviam de achar os homens degenerados em todas as espécies de criaturas: haviam de achar homens brutos, haviam de achar homens troncos, haviam de achar homens pedras (VIEIRA, 2014, p. 30).

Neste ponto do Sermão de Vieira encontra-se a argumentação em favor do Pregador, ou seja, o único responsável por transmitir a palavra divina. Caso a tarefa de reformulação dos fiéis esteja falha, isso se deve ao fato de que o Pregador está dando vazão às suas paixões em vez de construir um discurso pleno na Palavra Divina.

Sua tarefa é fazer com que seu discurso alcance as criaturas degeneradas, presentes em nações bárbaras e incultas, como os “homens pedra, tronco e brutos”. Na visão de Vieira a sacração do ser racional, o “homem-homem”, dá-se à medida que este frutifica a palavra divina. O estado do homem ao encontrar-se como criaturas insensíveis, vegetativas, ao ver-se em estado de “homem pedra” e “homem tronco”, é momentâneo e passageiro, desde que essas criaturas se transformem em campos frutíferos para cultivar a semente divina e alcancem a sacração.

Tal posicionamento faz parte de um escopo arquitetado de forma objetiva. Faz parte de uma visão sacramental na qual Vieira está formado. Para ampliar e aprofundar nossas discussões, será preciso inserir o segundo eixo de nosso texto, isto é, abordar o modo como a imagem de homem se dá por meio do universo retórico do autor. **2) O universo linguístico de Vieira, arquitetado em seus sermões, constrói-se a partir de três dimensões: “teológico, político e retórico”. O primeiro “só se concebe como análogos diferidos, causas segundas da Causa Primeira promotora da sua significação e sentido providencialista” (HANSEN, 2008, p. 16).**

Depois, para se pensar o caráter político dos sermões de Vieira é imprescindível entender que “suas ações só se concebem escalonadas segundo o eixo natural e racional da hierarquia, que as exige como harmônica e concordada paz da amizade das partes pelo todo [...]” (HANSEN, 2008, p. 16). E, por último, a dimensão retórica, cuja “ação só se concebe nos dois sentidos do verbo especular, como memória que espelha elencos de casos exemplares da Escritura e dos eventos pátrios, numa invenção e disposição decorosas, porque autorizadas, que os especulam com queda, com caso e com cadência de alegoria factual e seus ornatos de alegoria verbal” (Hansen, 2008, p. 16).

As dimensões *política e retórica* são as responsáveis pela base articulatória de sentidos e eficácia dos sermões. Vale aqui ressaltar que são dois expedientes imersos na sua vocação de

falar do divino, aquilo que Alcir Pécora (2008) chamou de *sacramentalidade*. Afora este contexto específico no qual o discurso de Vieira está imerso, para usar um termo da sacramentalidade, política e retórica associam-se à dimensão estética. Contudo, no universo sacramental de Vieira, a dimensão estética não vale mais do que “efeito e multiplicação cujo sentido e causa não é o código linguístico ou gosto literário, mas a manifestação da vontade divina entre os homens” (PÉCORA, 2008, p. 35).

Na visão de Vieira, a dimensão estética está a bem da verdade divina. Logo, todo o conhecimento linguístico que detém e sua mobilização na história e na vida, se tornam eficazes para partilhar o significado do divino e da hierarquia da monarquia. E por extensão, a visão de homem que se constrói relaciona-se com este contexto, uma criatura cujas paixões devem se inclinar em detrimento de sua razão.

Articulando a visão de homem em Vieira com aquela presente em Manoel de Barros, há o fato de Barros valorizar em sua poesia os trastes, entendidos aqui como uma figura metonímica de todos os seres insignificantes de sua obra. Ao criar, por assim dizer, uma poética do traste, Manoel de Barros eleva o ínfimo ao grau do divino, ao contrário de Vieira que coloca o divino próximo ao chão. Nesse sentido, são dois escritores que trabalham com figuras retóricas que tensionam a relação dos seres do chão com o Ser Divino.

Manoel de Barros trabalha de modo alegórico com as figuras do traste. Há, como uma questão mais profunda na poética de Manoel de Barros, uma dimensão e uma razão político-social da poesia, dimensão que será encarnada na criação poética das criaturas que habitam seus poemas. Seja o homem racional, ora em contraste com os seres e criaturas sensitivas, vegetativas e insensíveis, ora em comunhão com elas.

Ademais, na obra de Manoel de Barros, assim como no universo adâmico de Vieira, a poesia cumpre um papel de vanguarda na sociedade. Ou seja, a poesia, no caso de Manoel de Barros, e a oratória, no caso de Vieira, são procedimentos linguísticos que lidam justamente com os mesmos dogmas, desmandos e injustiças aos quais se revoltam, pois acreditam ser a língua um bem universal, um repositório mais profundo que desconstrói os conceitos criados pelos dogmas. O poeta é aquele que vai em busca das “pré-coisas”; é quem anseia encontrar o murmúrio, o que está antes da oralidade que conhecemos. Em Manoel de Barros, a atividade de escovar as palavras está na descoberta da “despalavra”, a palavra Fontana, a origem.

Logo, buscar a visão de homem em Manoel de Barros deve ser um exercício de retorno aos primórdios. Trata-se de um exercício de buscar o Outro. Na obra *O Livro das Ignorâncias*, de 1993, há o seguinte poema:

X

O mundo não foi feito em alfabeto. Senão que primeiro em água e luz. Depois árvore. Depois lagartixas. Apareceu um homem na beira do rio. Apareceu uma ave na beira do rio. Apareceu a concha. E o mar estava na concha. A pedra foi descoberta por um índio. O índio fez fósforo da pedra e inventou o fogo pra gente fazer bóia. Um menino escutava o verme de uma planta, que era pardo. Sonhava-se muito com pererecas e com mulheres. As moscas davam flor em Março. Depois encontramos com a alma da chuva que vinha do lado da Bolívia - e demos no pé.
(Rogaciano era índio guató e me contou essa cosmologia)

(BARROS, 1993, p. 97)

Nesse poema é possível notar a narração de uma cosmologia advinda da visão de Rogaciano, índio guató. Há, de início, uma relação intertextual com a visão bíblica. Como mencionado há pouco no verso “No descomeço era o verbo”, no poema X, de “Mundo Pequeno”, terceira e última parte d’ *O Livro das Ignorâncias*, há uma distorção da visão de nascimento do mundo, que se deu em verbo.

É importante destacar que essa nova cosmologia se dá a partir de uma visão comungante entre os seres. Ao negar o alfabeto, o eu-lírico, que narra a nova cosmologia, nega o verbo, que, por sua vez, era a palavra de Deus. Recuperando Vieira, nega-se a semente, por assim dizer. O universo de Manoel de Barros nasce em água, luz, árvore e lagartixa.

A atitude de negação do poema não é no todo uma visão apocalíptica. Nota-se uma dessacralização do Criador, a Causa Primeira, em detrimento da sagração dos trastes, dos ínfimos. Logo após a gênese do poema de Manoel de Barros, aparecem, lado a lado, o homem e a garça na beira do rio. Trata-se de uma visão de comunhão entre os seres.

O exercício do “menino” personagem, no poema acima, de “escutar o verme de uma planta”, dá-se por meio de uma correspondência de coisas diferentes. Nota-se uma relação indissolúvel entre o sujeito e o objeto, entre o eu e o mundo das coisas. A visão que o poema deixa transver, para ficar em um termo caro a Manoel de Barros, é uma visão da confusão entre os seres, um processo de transfazer a natureza das coisas, um processo de mesclar os sentimentos numa tentativa de fuga da contradição mais dicotômica de nossa existência: sujeito e objeto:

Se admitirmos uma contradição profunda entre o sujeito e o objeto, o nosso mundo interior, dos sentimentos, dos pensamentos, das ideias, do desejo, dos sonhos, enfim, de tudo que compreende a subjetividade, e o mundo dos objetos, das coisas que estão aí – é claro que essas instâncias são contraditórias, só não seriam contraditórias na magia onde a subjetividade pode atuar no mundo objetivo –, o que poetas tentam é superar essa contradição para atingir uma nova unidade, uma síntese. E fazem isso através dessa confusão de qualidade da esfera do sujeito e do objeto, das coisas (WILLER, 2013, p. 9).

Antonio Vieira e Manoel de Barros: a comunhão entre os seres e a palavra

A capacidade de síntese citada por Cláudio Willer pode ser vista como uma das marcas presentes nos versos de Manoel de Barros. É uma poética da incompletude, construída pelas antinomias, pelos paradoxos, pelas antíteses e oximoros, pelas ambivalências.

Se em Vieira as criaturas devem prezar pela busca da racionalidade, isto é, as criaturas degeneradas dependem do semeador para tornarem-se criaturas racionais, em Manoel de Barros notam-se as criaturas em um processo de comunhão. Assim, pode-se falar de uma *Teologia do Traste* em Manoel de Barros, isto é, a busca da divindade dos seres menores.

XII

Teologia do traste – Manuscrito do mesmo nome, contendo 29 páginas, que foi encontrado nas ruínas de um coreto, na cidade de Corumbá, por certo ancião adaptado a pedras. Contou-nos o referido ancião, pessoa saudavelmente insana de poesia, que sobre as ruínas do Coreto BOTRAVAM ÁRVORES/OBRAVAM POBRES/MORAVAM SAPOS/TREPAVAM ERVAS/CANTAVAM PÁSSAROS. E, que, ali, o cansaço era muito desenvolvido, bem como o amarra-pinto e o guspe-de-taquarizano (BARROS, 1982, p. 26).

No poema acima é visível a potência ambivalente da poesia de Manoel de Barros. Criase uma espécie de definição das coisas. Ao inventar um manuscrito de 29 páginas, intitulado *Teologia do Traste*, vê-se um espaço em ruínas habitado por um ancião. Esse sujeito, marcado profundamente por uma visão poética, mostra um novo mundo, uma nova unidade de percepção da relação entre os seres e as coisas do mundo. É também uma nova cosmologia, tal como o “causo” do índio guató Rogaciano.

Seguindo adiante, após a apresentação do manuscrito “Teologia do Traste”, o leitor deparar-se-á com o “Glossário de transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos”. É nesse glossário que se pode notar uma visão na qual os seres estão interligados, de modo a criar as correspondências entre eles, entre os sentidos, entre as razões.

No glossário é possível encontrar doze abonações, são elas: “Cisco, poesia, lesma, boca, água, poeta, inseto, sol, trapo, pedra, árvore e apêndice”. Destes, vale a pena ater-se em cisco, poeta e árvore, para cumprir os objetivos deste texto.

Cisco s.m.
Pessoa esbarrada em raiz de parede
Qualquer indivíduo adequado a lata
Quem ouve zoadas de brenha. Chamou-se de O CISCO
DE DEUS a São Francisco de Assis
Diz-se também de homem numa sarjeta

(BARROS, 1982, p. 35)

Neste trecho, chama a atenção, de início, o fato de haver uma transformação dos gêneros. Um glossário transformando-se em poesia. Partindo de uma leitura estilística é possível associar tal transformação a uma noção bastante oportuna, a noção de estilo como desvio. Martins (2000, p.7), a respeito da estilística estudada por Leo Spitzer, afirma que suas reflexões se cercam dos "desvios da linguagem em relação ao uso comum; uma emoção, uma alteração do estado psíquico normal provoca um afastamento do uso linguístico normal". A poética de Manoel de Barros pode ser compreendida como uma poética de ruptura, ou de "desvio" frente à poética tradicional; na sua sabedoria lexical, o poeta capta a linguagem do homem comum e, por meio de recursos retóricos, cria a palavra poética para falar das criaturas que o cercam. Tal dimensão retórica do desvio praticado por Manoel de Barros irmana-se com a definição de J. Dubois: "chamamos retóricos apenas os desvios que visam a 'efeitos poéticos'" (1974, p. 62-63).

O segundo termo, o cisco, ligado a ideia de uma figura insignificante, é definido como uma pessoa, um indivíduo, um homem. O efeito da definição é agregar valor, agregar sentido a algo sem sentido, sem valor. Note-se pelo título de abertura dessa série de poemas, "glossário de transnomações". O processo de realizar essa transnomação abre-se para a construção de novos sentidos, passa-se a estabelecer novas correspondências antes não pensadas.

Ampliando o processo de transnomações tem-se o poeta:

Poeta s.m e s.f.
Indivíduo que enxerga semente germinar e engole céu
Espécie de um vazadouro para contradições
Sabiá com trevas
Sujeito inviável: aberto aos desentendimentos como um
Rosto

(BARROS, 1982, p. 37).

Se o cisco, em seu processo de transnomação, confunde-se como o homem, o poeta, visto como substantivo masculino e feminino, e porque não pensar o "s.m e s.f" como sujeitos, é visto quase como uma coisa. Apesar de ser definido como um indivíduo e um sujeito, ao longo do poema, suas qualificações abrem-se a conotações outras: "enxergar semente germinar"/ "engolir o céu"/ "vazadouro de contradições" são definições que alargam os sentidos esperados, uma atitude poética para além do significado lógico das percepções. No fundo, poeta e cisco são dois seres em profunda relação. Por último tem-se Árvore:

Árvore s.f
Gente que despeta
Possessão de insetos
Aquilo que ensina de chão
Diz-se de alguém com resina e falenas

Algumas pessoas em quem o desejo é capaz de irromper
sobre o lábio, como se fosse a raiz de seu canto
(BARROS, 1982, p. 40)

Tanto o cisco quanto o poeta caminham para árvore. No processo de transnomação de árvore nota-se o qualificativo de “gente”, “alguém”, “algumas pessoas”. Enquanto em “cisco e poeta” há um índice de nomear, por meio de um recurso de definições objetivas e definidas, em árvore prevalece o índice dos indefinidos (alguém e algumas) ampliando o sentido de algo em estado indefinido.

O índice indefinido de árvore permite-lhe agregar e possuir insetos, resinas e falenas, mas também cabe o cisco e o poeta. Nota-se a árvore como uma imagem poética, um símbolo da poesia de Manoel de Barros que resume toda a comunhão dos seres. Pode ser homem, mas pode ser inseto, assim como pode ser um homem-árvore, ou um “homem tronco”, como em Vieira.

Retomando Vieira, o Padre Jesuíta escrevia em seus sermões um extenso *Índice das cousas mais notáveis*, além de um *Index locorum*, que relacionava as passagens das Escrituras referidas pelos sermões. Alcir Pécora, em 2010, organizou a publicação de *Índice das coisas mais notáveis*, de Antonio Vieira. Segundo Pécora,

a quantidade e variedade das entradas percorre os nomes mais comuns do idioma português do século XVII, sobretudo no tocante ao seu léxico espiritual, caracterizando-o como vocabulário conceitual significativo da língua e das letras portuguesas seiscentistas, sustentado por enorme repertório de abonações (PÉCORA, 2010, p. 18).

Diante desta variedade e rica apresentação da língua realizada por Vieira, é possível deparar-se com a abonação “Árvore” que, assim como em Manoel de Barros, “Deve morrer o homem pelo modo com que morrem as árvores” (VIEIRA, 2010, p. 61). Nesse ponto, temos o encontro de ambos os autores e o que nos permite propor algumas considerações finais.

Sabe-se bem que a visão de Vieira se assenta fortemente na tradição Aristotélica, que por sua vez prende-se a um princípio da identidade e da lógica. Interessa menos a formação filosófica de Vieira e mais os desvios linguísticos semânticos para os propósitos deste texto. Na imagem analógica entre homem e árvore, ou nas imagens do “homem tronco”, tem-se o vislumbre das transnomações de Vieira.

Em Manoel de Barros já é possível notar a consumação do raciocínio analógico, em que uma coisa pode ser outra. A lógica preestabelecida preza pelo princípio da não contradição, de modo que cada coisa é uma em sua particularidade e essência. Na visão poética de Manoel de Barros prevalece o princípio da correspondência, das contradições.

Em Barros, a partir dos usos retóricos da palavra, advindo, sobretudo, do universo de Vieira, prevalecem os excessos na composição de paradoxos, antíteses e oximoros. A perspectiva de transnomações, como um recurso de desvio retórico e a criação de imagens de agudeza, como vimos nas novas unidades cosmológicas nos poemas de Manoel de Barros, advém, em certa medida, da teatralização retórica de Vieira.

Todavia, pensar o homem e as coisas como um só, em Barros, é uma visão política de compreensão do universo. Segundo o próprio poeta:

Poesia pode ser que seja fazer outro mundo. “Eu sou a videira, vós outros a vara; o que permanecer em mim dará frutos.” Cristo está falando de um mundo novo que ele concebeu. Seu mundo poético, particular, de onde suas palavras nascem unidas dele. De seus desejos, de sua carga genética milenar, dos Moisés, dos Abraões, dos profetas. Nascerá de sua boca um texto místico, um subtexto carregado de seus eflúvios. Suas palavras se elevarão até o sagrado. Penso que as palavras vindas de um olho anômalo de poeta podem sagrar também a lesma. Podem sagrar a palavra caracóis. E o restolho terá ascensão. A boca estará ardente de chão. E as albas serão ouvidas em conchas. Minha roupa é o musgo. Revestir seres vivos é o sonho do musgo. (BARROS, 1990, p. 336)

Manoel de Barros, em sua poética, apresenta a temática e a visão do homem como um ser racional em contraste com uma visão das criaturas sensitivas, vegetativas e insensíveis, apresentadas por Vieira. Barros serve-se do universo criado por Vieira para criar o seu próprio. Há como uma questão mais profunda na poética de Manoel de Barros uma dimensão e uma razão político-social da poesia, dimensão encarnada na criação poética das criaturas que habitam seus poemas.

Valorizar o traste é uma tentativa de valorizar a humanidade. Segundo o crítico Adalberto Müller, numa entrevista sobre a obra de Manoel de Barros, é possível perceber que a capacidade de fazer rir de Manoel de Barros fez com que as editoras explorassem em demasia uma imagem de poeta para crianças que só fala da natureza, o que acabou ofuscando o aspecto político da sua obra: “O Manoel de Barros era profundamente político. Não que ele apoiasse candidato A ou B, mas ele vinha de uma formação, não só ligada ao Partido Comunista, mas de uma leitura mística de Marx [...] Quando Manoel de Barros fala do ínfimo, do descartado, do desnecessário, claro que é político” (MULLER 2016, p. 61 *apud* KISHI, 2016, p. 61).

Portanto, a ideia de transfiguração na poética de Manoel de Barros é uma qualidade que transforma o olhar do leitor frente à realidade. Manoel de Barros enxerga as coisas de um ponto de vista não humano para buscar a humanidade das coisas:

Penso que trago em mim uma pobreza ancestral que me eleva para as coisas rasteiras. Disse uma vez: *Só as coisas rasteiras me celestam*. Procede que a pobreza é bíblica, procede que o ordinário é sagrado – e a desgrandeza é de Deus. Com o canto do sol e das aves o nosso Francisco fertilizava a sua fé. Agora, desaparecendo: quero fertilizar

Antonio Vieira e Manoel de Barros: a comunhão entre os seres e a palavra

os meus cantos com as pobres coisas do chão. Sendo que não sou eu que cristianizo as ordinariedades, mas a minha linguagem (BARROS, 2010, p. 103 grifos no original).

Há uma dimensão poética na obra de Manoel de Barros que busca um novo olhar para o mundo, que tem como princípio dar voz às coisas. Isso significa se tornar “coisal”, termo caro a Manoel de Barros, uma atitude político-social de sua obra para pensar o ponto no qual homem se funde com a natureza. O processo no qual o poeta constrói essa visão, entretanto, dá-se por meio da articulação retórica da língua valendo-se do pensamento racional. Na obra poética de Manoel de Barros, há um aproveitamento particular dos recursos da linguagem, quer da retórica ou da poesia, que coloca o leitor diante de um texto literário dos mais originais e questionadores da literatura brasileira contemporânea. O projeto estético de Manoel de Barros alcança, por sua vez, um grau de elaboração dos poemas que transporta o leitor à reflexão sobre o vivido.

Referências

- AUERBACH, Eric. **Mimesis**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BARROS, Manoel de. **Arranjos para Assobio**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- BARROS, Manoel de. Conversas por escrito. In: BARROS, Manoel de. **Gramática expositiva do chão: Poesia quase toda**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- BARROS, Manoel de. **O Livro das Ignoranças**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiro, 1993.
- BARROS, Manoel de. **Ensaio Fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- BARROS, Manoel de. **Encontro**. Rio de Janeiro: Azougue, 2010.
- BÍBLIA, volume 1. **Novo testamento: os quatro Evangelhos**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- CASSIRER, Ernest. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva et al. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- DUBOIS, J. et al. **Retorica geral**. Sao Paulo: Cultrix/Edusp, 1974.
- GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene. **De corixos e de veredas: a alegada similitude entre as poéticas de Manoel de Barros e de Guimarães Rosa**. Tese de Doutorado em Estudos Literários - Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, São Paulo – SP, 2006.

HANSEN, João Adolfo. Prefácio. In Pécora, Alcir. **Teatro do sacramento**. Campinas: Unicamp, 2008.

KISHI, Kátia. Manoel de Barros: ver, rever e transver. **Cienc. Cult.**, São Paulo, v. 68, n. 2, p. 60-61, 2016. Consultado em Dezembro 17, 2018, em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000200018&lng=en&nrm=iso>.

MARTINS, Nilce Sant'anna. **Introdução à estilística**. 3. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

PÉCORA, Alcir. **Teatro do sacramento**. Campinas: Unicamp, 2008.

PÉCORA, Alcir. Introdução. In VIEIRA, Antonio. **Índice das coisas mais notáveis**. São Paulo: Hedra, 2010.

PÉCORA, Alcir. Sermões: a pragmática do mistério. In: VIEIRA, Antonio. **Sermões**. São Paulo: Hedra, 2014.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Texto, Crítica, Escritura**. São Paulo: Ática, 1993.

VIEIRA, Antonio. **Índice das coisas mais notáveis**. São Paulo: Hedra, 2010.

VIEIRA, Antonio. **Sermões**. São Paulo: Hedra, 2014.

WILLER, Cláudio. O valor poético: Manoel de Barros. In: MEDEIROS, Samuel Xavier. **Anais do 1º Encontro Estadual de Literatura em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UBE/MS, 2013.

Recebido em março de 2021.

Aceito em junho de 2021.